



***EDUCAÇÃO FÍSICA E DIVERSIDADES: OS ESPORTES NAS FRONTEIRAS DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL QUEER***

***EDUCACIÓN FÍSICA Y DIVERSIDAD: EL DEPORTE EN LAS FRONTERAS DE LA PRODUCCIÓN AUDIOVISUAL QUEER***

***PHYSICAL EDUCATION AND DIVERSITY: SPORTS ON THE FRONTIERS OF QUEER AUDIOVISUAL PRODUCTION***

Rafael Santiago de Souza<sup>1</sup>

**RESUMO**

O artigo objetiva mapear e refletir sobre produções audiovisuais que tratam dos esportes relacionados com a problematização dos marcadores das diferenças. Caracteriza-se por uma abordagem qualitativa através de uma revisão de literatura sobre as narrativas cinematográficas queertópicas, perpassando por uma confluência teórico-metodológica multirreferencial através da análise contrastiva, que usufrui dos estudos *queer* e da interseccionalidade. Através das 88 obras catalogadas, conclui-se que a diversidade de corpos apreciados através do cinema e da problematização das identidades LGBTQIAP+, acionam chaves de leituras importantíssimas diante dos fenômenos esportivos. E, ainda que as análises sobre os filmes/séries/documentários explorados nos trabalhos acadêmicos selecionados, oportunizam reflexões e abordagens didático-pedagógicas críticas na formação de professores/as e na Educação Física escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esporte. Diversidade. *Queer*. Audiovisual.

**RESUMEN**

Este artículo busca mapear y reflexionar sobre las producciones audiovisuales que abordan el deporte, abordando la problematización de marcadores de diferencia. Se utiliza un enfoque cualitativo a través de una revisión bibliográfica sobre narrativas cinematográficas queer-tópicas, abarcando una confluencia teórico-metodológica multirreferencial mediante el análisis contrastivo, basándose en los estudios *queer* y la interseccionalidad. Con base en las 88 obras catalogadas, se concluye que la diversidad de cuerpos apreciados a través del cine y la problematización de las identidades LGBTQIAP+ desencadenan interpretaciones cruciales del fenómeno deportivo.

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação (PGEDU) da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestre em Crítica Cultural pelo Pós-crítica da Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Especialista em Gênero, sexualidade, raça e etnia na formação de educadoras/es (UNEAD/UNEB); E, licenciado em Educação Física (UNEB). Professor da rede básica estadual em Salvador, Bahia, Brasil.

Asimismo, los análisis de las películas, series y documentales explorados en las obras académicas seleccionadas brindan oportunidades para la reflexión y enfoques didáctico-pedagógicos críticos en la formación docente y en la Educación Física escolar.

**PALABRAS-CLAVE:** Deporte. Diversidad. Queer. Audiovisual.

## ABSTRACT

This article aims to map and reflect on audiovisual productions that address sports, addressing the problematization of markers of difference. It uses a qualitative approach through a literature review on queertopic cinematic narratives, encompassing a multi-referential theoretical-methodological confluence through contrastive analysis, drawing on queer studies and intersectionality. Based on the 88 cataloged works, it is concluded that the diversity of bodies appreciated through cinema and the problematization of LGBTQIAP+ identities trigger crucial interpretations of sports phenomena. Furthermore, the analyses of the films, series, and documentaries explored in the selected academic works provide opportunities for reflection and critical didactic-pedagogical approaches in teacher training and in school Physical Education.

**KEYWORDS:** Sports. Diversity. Queer. Audiovisual.

\* \* \*

*Aceitar a diversidade é um passo para evolução de  
um mundo cansado de injustiça social.*

Reinaldo Vasconcelos Pereira

## Introdução

Os esportes são fenômenos socioculturais atravessados por questões políticas-ideológicas e econômicas (Tubino, 2010), e, refletem os entrelaçamentos dos marcadores das diferenças (gênero, sexualidade, raça, etnia, classe social, deficiência etc.) nas sociedades em cada tempo histórico. Silvana Goellner (2021) ressalta que a esportivização das práticas corporais funciona como uma “reserva masculina”, espaço-tempo que hegemonicamente privilegiou os homens cis heteronormativos, mas na contemporaneidade os ambientes esportivos dialogam com uma demanda emergente de corpos que subvertem a lógica do sistema (Viviane Vergueiro, 2015).

Nessa direção, recorro a alguns discursos que se tornaram corriqueiros nas minhas andanças enquanto professor-pesquisador debruçado sobre os estudos *queer* na Educação Física. Estão sempre me questionando: como vou propor um debate sobre gênero e sexualidade na Educação Física escolar? São temáticas bastante difíceis e problemáticas, de onde vou partir? Será que não vou ser rechaçado pelas famílias ao tentar falar sobre esses assuntos com adolescentes? Não seria melhor fazer um evento e chamar especialistas no assunto para falar sobre tal?

Ao me deparar com essas preocupações de professores/as, consigo pensar a partir de duas vertentes disparadoras de chaves de leituras: o conservadorismo que gira em torno de determinadas pautas e os tabus que os/as docentes precisam se desprenderem para garantir que as temáticas sobre direitos humanos e reparação histórica sejam debatidas nas escolas com o aprofundamento qualitativo necessário; E, a “falta de interesse” de determinados grupos escolares, em formação inicial e/ou continuada, atrelada a desvalorização da profissão docente que desencadeia na justificativa da não preparação para tratar sobre os marcadores das diferenças nas instituições educacionais (Escolas e Universidades).

Partindo destas premissas e buscando estratégias para suprir as demandas apontadas, quais produções audiovisuais podemos utilizar para tratar sobre os/as LGBTQIAPN+ nos esportes? Temos obras nacionais ou só estrangeiras? Como propor debates esportivos usando filmes, séries e/ou documentários *queer*? A intenção deste artigo é levantar muito mais questões do que buscar respostas sobre a (não/pouca) existência de obras de ficção cinematográfica ou baseadas em histórias reais, que relacionem explicitamente os esportes com as questões de gênero e sexualidade em suas interseccionalidades com outros marcadores das diferenças.

Portanto, o objetivo geral do estudo é mapear e refletir sobre produções audiovisuais que tratam dos esportes relacionados com a problematização das identidades de gênero e sexualidade dissidentes. E, os objetivos específicos são: a) catalogar filmes, séries e documentários brasileiros/as e estrangeiros/as pela ótica dos estudos *queer* e da interseccionalidade; b) investigar se existem trabalhos acadêmicos sobre esses audiovisuais e acionar chaves de leituras que oportunizem abordagens didático-pedagógicas críticas na formação de professores/as e na Educação Física escolar.

O estudo caracteriza-se enquanto uma abordagem qualitativa (Antônio Gil, 2019) e entrelaça o processo de mapeamento das produções audiovisuais sobre esportes e narrativas *queertópicas* (Fabiana Assis, 2021) em plataformas digitais e/ou sites, com a revisão de literatura sobre as obras já analisadas cientificamente. A confluência teórico-metodológica acontece através de uma proposição epistemologicamente multirreferencial (Macedo, 2004) da análise contrastiva (Leiro; Santos; Reis, 2023), que usufrui de uma crítica *queer* dos discursos normativos (Souza, 2024) e da interseccionalidade (Patrícia Collins; Sirma Bilge, 2020).

## Catalogando as produções audiovisuais queertópicas

As narrativas queertópicas, aparecem na contemporaneidade como uma ponte entre o(s) pensamento(s) *queer* e o(s) pensamento(s) utópico(s) materializados num conjunto de maneiras estético-políticas de (des)fazer as normas e regulações de gênero e sexualidade. Assim, o corpo-linguagem da literatura e do cinema consegue usufruir de lacunas e fendas que contribuem para o enfraquecimento de determinadas estruturas de saber-poder. E, a abertura para modos de vidas mais livres e/ou menos oprimidas, consequentemente, permite-nos acreditar em variadas formas de existências, nos corpos inimagináveis e infinitos, no desejo monstro que por diferentes vias e instancias projetam uma futuridade *queer*, não somente no âmbito das críticas e das resistências (Assis, 2021).

Para construir um panorama inicial sobre as produções audiovisuais na perspectiva queertópica, recorro ao trabalho de Goellner et al (2009) direcionado ao Ministério do Esporte, que problematiza as categorias de gênero e sexualidade interseccionadas com raça, etnia, classes sociais e deficiências. Os/as autores/as vão relatar que “ser diferente não significa ser desigual” e propõem quatro momentos para pensarmos esses engendramentos socioculturais. Destaco a parte II – Um pequeno glossário, que vai desencadear na parte IV – Dicas de filmes, sites e livros, onde os/as autores/as nos oferecem uma lista de audiovisuais como sugestão para os debates educacionais acerca dos marcadores das diferenças e suas articulações com as práticas esportivas e de lazer. Segue a lista das 30 obras listadas:

Ela é o cara (EUA, 2007); Gracie (EUA, 2007); Lírios D’água (França, 2007); Jump In (EUA, 2007); Treinando com papai (EUA, 2007); Murderball – paixão e glória (EUA, 2005); Hooligans (EUA e Reino Unido, 2005); Ginga – a alma do futebol brasileiro (Brasil, 2006); Mauro Shampoo: jogador, cabeleireiro e homem (Brasil, 2005); Os reis de Dogtown (EUA, 2005); A luta pela esperança (EUA, 2005); Menina de ouro (EUA, 2004); Billy Elliot (Inglaterra, 2000); Damas de ferro (Tailândia, 2000); Mulan (EUA, 1998); Cartão Vermelho (Brasil, 1994); Uma equipe muito especial (EUA, 1992); A pequena sereia (EUA, 1989); Onda nova (Brasil, 1983); Munique (EUA, 2005); Preto com branco (Brasil, 2004); Um dia em setembro (Suíça, Inglaterra e Alemanha, 1999); Jamaica abaixo de zero (EUA, 1993); Olympia – parte 1 e 2 (Alemanha, 1938); Fora do jogo (Irã, 2006); O xadrez das cores (Brasil, 2004); Driblando o destino (EUA, 2003); O milagre de Berna (Alemanha, 2003); Promessas de um mundo novo (EUA, Palestina e Israel, 2001); E, Duelo de Titãs (EUA, 2000).

As obras apresentadas apontam para o caminho da problematização da interseccionalidade dos marcadores das diferenças, explorando em suas tramas futebol, nado sincronizado, futebol americano, rúgbi em cadeiras de rodas, surf, skate, boxe, vôlei, baseball, xadrez, jogos olímpicos e até preparação para guerras. As indicações possuem uma diversidade de temáticas, algumas imbricadas na masculinidade viril-tóxica-compulsória e outras que abarcam apenas os gêneros normativos (homem cis e mulher cis) e sexualidades binárias (hetero e homo), assim como questões de raça, etnia, classe social e deficiências. Ou seja, nem todas contemplam a diversidade de identidades envolvidas na sigla LGBTQIAPN+, entretanto é um material riquíssimo para nossos estudos na Educação Física.

A partir desse primeiro diagnóstico e vislumbrando uma ampliação dessa lista de audiovisuais, a pesquisa focou mais em aspectos das dissidências que ainda não possuem tanta visibilidade nas obras mencionadas anteriormente, e mais especificamente, tentando abarcar outras identidades da sigla LGBTQIAPN+. Sendo assim, os filmes, séries e documentários descritos abaixo resultam das buscas realizadas em plataformas digitais (*netflix, prime video, globoplay, youtube, stremio* e outras) e sites (cinema LGBT, filmes gays, filmow, cinemateca, archive, dailymotion, imdb, adoro cinema, tabuleiro filmes, meu mundo gay, justwatch, max etc.) utilizando os descritores: filmes/séries/documentários de esportes LGBTQIAPN+; esportes e diversidade; e, esportes *queer*.

Para acompanhar a historicidade e temporalidade das obras catalogadas, nesta secção optei por organizá-las a partir dos anos de lançamentos e seus respectivos países, características específicas enquanto filme, série e/ou documentário, as práticas esportivas que cada um explora e a diversidade de identidades que as tramas apresentam. Justifico essa escolha cronológica, pois na secção seguinte acontece um embaralhamento das obras, acionando as chaves de leituras de maneira não-linear, considerando que posteriormente podem/devem ser exploradas em outros estudos a partir das mesmas obras, entrelaçando sua temporalidade histórica e as respectivas conjunturas políticas que cada país/região/continente experienciava no momento de produção e lançamento (Exemplo: a relação conjuntural das obras produzidas no Brasil no período entre a ditadura militar e a redemocratização).

Seguem os audiovisuais encontrados: Um clássico, dois em casa, nenhum jogo fora (Brasil, 1968); Hoje tem futebol (Brasil, 1976); Asa Branca, um sonho brasileiro (Brasil, 1981); Tudo pela vitória: as parceiras (EUA, 1982); Onda nova (Brasil, 1983); Eu amo

esse homem (França, 1997); Por causa de um garoto: você vai superar isso (França, 2002); Napola: elite para o Führer (Alemanha, 2004); Beautiful Boxer (Tailândia, 2004); Tempestade de verão (Alemanha, 2004); Homens como nós (Alemanha, 2004); 11 homens dentro de campo e fora do armário (Islândia, 2005); Meu irmão: Nihil (Índia, 2005); Como uma virgem (Coreia do Sul, 2006); De repente, California (EUA, 2007); Uma Família Bem Diferente (Canadá, 2007); Cidade sem basebol (China, 2007); Caloroso (Alemanha, 2007); O relógio (Argentina, 2008); Do começo ao fim (Brasil, 2009); Meu adorável treinador (EUA, 2010); Ausente (Argentina, 2011); Começo (Reino Unido, 2011); Água (Suécia, 2012); Morgan (EUA, 2012); La partida (Cuba, 2012); Faz parte do jogo (Brasil, 2013); Bata no chão (EUA, 2013); Noite de verão em Barcelona (Espanha, 2013); Boys (Países Baixos, 2014); O menino de vestido (Reino Unido, 2014); Tempos de tormentas (Hungria, 2014); Fora na escalação (Global, 2014); Drown (Austrália, 2015); Fulboy (Argentina, 2015); 1:54 (Canadense, 2016); Pele suja minha carne (Brasil, 2016); Criança prodígio (Reino Unido, 2016); Diamante, O Bailarina (Brasil, 2016); O passe (Irlanda, 2016); Projeto SA série (Global, 2017); Jogos Proibidos: A História de Justin Fashanu (Reino Unido, 2017); Mário e Leon: no amor e no jogo (Suíça, 2018); Meu jogador favorito (Brasil, 2018); Extremidades apertadas (EUA, 2018); Erik & Erika (Austrália, 2018); BeesCats, o Filme (Brasil, 2018); Os Camarões Brilhantes (França, 2019); Caminhos para Olympia (Global, 2019); Betty (EUA, 2020); Tão apaixonado (Tailândia, 2020). O nadador (Israel, 2021); Ao seu lado (Reino Unido, 2022); A Vida no Skate com Leo Baker (EUA, 2022); Riley (EUA, 2023); Bottons (EUA, 2023); Wandee bom dia (EUA, 2024).

Ampliando a lista de 30 produções audiovisuais construída por Goellner et al (2009), encontrei mais 58 obras (51 filmes de curta e longa metragem, 4 séries e 3 documentários) totalizando 88. Destas 58, identifiquei que 48 são estrangeiras e 10 são brasileiras. Sobre as modalidades esportivas exploradas, é nítido que o futebol se destaca contabilizando 25 produções; as lutas (boxe, Muay Thai e luta livre) vêm em seguida com 8 e a natação com 7; *surf* e atletismo foram explorados em 3 obras cada um; basquete, *rugby* e *skate* cada um em 2 produções; e, futebol americano, remo, hóquei, baseball, ciclismo, vôlei, polo aquático e esqui uma única vez para cada.

Já sobre as identidades presentes na sigla LGBTQIAPN+, pude perceber que em 8 produções as dissidências aparecem enquanto “sexualidades alternativas”, por não terem uma definição exata foram agregadas enquanto *queer*; 3 obras retratam mulheres lésbicas; 3 obras retratam a transgeneridade/transsexualidade; 3 obras retratam masculinidades e



binaridade de gênero; 1 filme retrata a intersexualidade; e, hegemonicamente o maior número de audiovisuais mapeados são voltados para a temática gay/homossexual, contabilizando 40 produções.

### **Acionando chaves de leituras através das obras catalogadas**

Vislumbrando acionar chaves de leituras queertópicas para refletir sobre as diversidades de corpos e identidades presentes nas obras e seus possíveis desdobramentos educacionais, foi realizada uma busca minuciosa no *google acadêmico* utilizando como descritor o nome de cada filme, série ou documentário catalogado. A intenção desse levantamento bibliográfico (Gil, 2019) foi encontrar artigos, resenhas, ensaios, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's), dissertações ou teses que tratam das produções indicadas por Goellner et al (2009) e da lista complementar.

A partir das proposições de Assis (2021) em se tratando de corporalidades sonhadas em narrativas contemporâneas, vislumbramos outras/novas linguagens artísticas através dos audiovisuais queertópicos. Neste sentido, as obras foram analisadas a partir de apreensões epistemológicas e teórico-metodológicas no componente curricular Narrativas da Diversidade Sexual, ministrado pelos professores Djalma Thurler e Leandro Colling, cursada durante o processo de doutoramento na Universidade Federal da Bahia (UFBA) no semestre 2024.2, intercalando e entrelaçando com os trabalhos acadêmicos encontrados através da revisão de literatura citada acima. A partir daqui as obras e as chaves de leituras serão acionadas seguindo (nem sempre) uma linearidade histórica-temporal, pois a análise contrastiva é realizada na perspectiva do movimento dialético (Leiro; Santos; Reis, 2023) que é dinâmico em sua versatilidade.

Diante da necessidade de compreender as transformações do esporte enquanto elemento cultural, recorrendo ao cinema como portador de registros para a compreensão do mundo, Mayara Mendes, Allyson Carvalho e Paula Nunes (2014) analisaram os filmes “Ela é o cara”, “*Gracie*” e “Driblando o destino” revelando descentramentos das mulheridades quanto a participação em âmbitos culturalmente ditos masculinos e aproximaram discussões sobre conceitos de gênero e sexualidade, enfatizando as diversas rupturas nas representações socioculturais ditas heteronormativas.

Letícia Ferreira (2023) usufruiu do filme “Lírios d’água” para refletir sobre a performatividade de gênero e a construção da imagem corporal de mulheres que se relacionam com mulheres. Ela conclui que estamos constantemente estabelecendo

figurações mentais a partir de ideais que esculpem as características mais desejáveis à sociedade. E, ressalta que historicamente os corpos femininos têm sido alvo do controle através da lente masculina de objetificação. O filme também foi utilizado por Nilson Diniz (2014) para anunciar experiências homoeróticas entre mulheres como uma das formas de transgressão ao padrão heteronormativo.

Nos trabalhos citados acima, mulheridades, imagens corporal, lesbianidade, objetificação, controle e experiências homoeróticas aparecem para enfatizar as rupturas das regulações de gênero e sexualidade que os filmes apresentam como formas de transgressão ao padrão heteronormativo baseado na masculinidade. Neste sentido, Djalma Thürler e Mona Woyda (2020) exploram a ideia de “saída dos armários” que recai no “segredo homossexual masculino” para encampar a compressão da história cultural da masculinidade, da sexualidade e das subjetividades homossexuais problematizando a política identitária. A saída e o retorno aos armários, a encenação de escancarar ou de se manter no sigilo, segue a lógica da “política do segredo” que os autores anunciam através do movimento constante entre negação e medo. Ao assumir o paradoxo do armário como territorialidade afetiva e política, é possível refletir sobre os ambientes esportivos, como por exemplo, no que tenho chamado de “os armários-vestiários”, “os armários-alojamentos” a segregação entre os campos e as arquibancadas, que se desdobram no binarismo de gênero e na negação das sexualidades dissidentes, em detrimento da heterossexualidade compulsória.

O enredo do filme “*Murderball* – paixão e glória”, nos oferece a oportunidade de explorar, tanto na formação de professores/as quanto na educação básica, dos fenômenos esportivos (Tubino, 2010) em relação às Pessoas com Deficiências (PCD's), evolução histórica dos esportes adaptados e/ou inclusivos, suas problemáticas, as principais características e importância social. Luana Gurjão (2020), aponta que a obra indica limitações, superações, independência e potencialidades, desmistificando estereótipos acerca da deficiência física e da homoafetividade. Como sugestão para o trato pedagógico na Educação Física no ensino médio, “há uma parte do filme *Murderball* que os atletas dizem como é a vida pessoal e sexual deles, se a turma for madura e que não haja constrangimento para ninguém, os alunos verão o quanto os deficientes físicos podem ter uma vida normal” (Patarnella et al, 2009, p. 11).

Sobre o filme “*Hooligans*” que aborda temáticas como: torcidas organizadas, amor e/ou devoção ao time, apologia à violência nos estádios, racismo, xenofobia, poder e demarcações territoriais, mau comportamento e a atmosfera que envolvem a hostilidade



criada pelas guerras entre torcidas, Midiân Guimarães (2010), nos incita a refletir sobre certos momentos da história e/ou aspectos das sociedades que se tornam hegemônicos, a exemplo da imposição da masculinidade viril-tóxica-compulsória e da normalização da violência nos ambientes esportivos. “Percebe-se que *Hooligans* não mostra relações sociais indo além da camaradagem entre baderneiros, que gostam de se espancar para mostrar virilidade e a força da sua torcida” (Guimarães, 2010, p. 01).

Em uma guinada diferente, Luiz Sant’ana (2009), considera que “ginga – a alma do futebol brasileiro” é uma película importantíssima para tratarmos dos atravessamentos socioculturais nas fronteiras entre aspectos nacionais e estrangeiros (locais e globais). Pois, a diversidade de corpos e identidades, remete “ao nosso jeito de jogar bola” que envolve não só talento-técnica-tática esportiva, mas a brasilidade presente na musicalidade do samba e outros ritmos, nas danças, na capoeira etc. Para ele, a ‘gingalidade’ é um mistério e ao mesmo tempo uma potencialidade da identidade nacional em detrimento do fenômeno esportivo (futebol), assim, o filme permite-nos explorar a pluralidade de marcadores das diferenças presente em sua trama.

Vale destacar, como esses audiovisuais que venho elencando desdobram-se em aspectos e perspectivas diversas, tanto no âmbito esportivo, quanto nas características socioculturais que suas tramas exploram. Entre um parágrafo e outro a escrita pode parecer solta, incompleta ou mesmo uma sobreposição de informações, porém, considero que essa estratégia de ampliação de horizontes, pluraliza as narrativas que vão se atravessar de maneira rizomática. Sempre é possível encontramos pontos em comuns no que diz respeito aos marcadores das diferenças que os corpos-personagem encenam e relacionar com nosso cotidiano, podendo a partir de cada obra dessas seguirmos por caminhos crítico-reflexivos que a queertopia encampa no sentido de (des)fazer a lógica estruturante do sistema de opressões e violências. Sigamos!

A película “Mauro Shampoo: jogador, cabeleireiro e homem” e mais especificamente a história de vida do atleta/personagem em cena, já foi explorada nos livros “ode a mauro shampoo e outras histórias da várzea” (Luiz Simas, 2017) e “mediação cultural” (Diego Salcedo, 2016). Aqui é importante destacar algumas chaves de leituras sobre a sociedade brasileira e suas características historiográficas estruturantes, como: racismo, sexismo, xenofobia, aporofobia, LGBTfobia etc. a serem visualizadas através do fenômeno futebolístico e do cinema.

Leonardo Brandão (2009), buscou no documentário “Os reis de *Dogtown*”, compreender a história dos fenômenos esportivos, dando ênfase na “corporeidade” e na

emergência do “corpo comunicativo” através da fruição nas práticas corporais do surf e do skate. Essas duas manifestações da Cultura Corporal (CC) que vem sendo esportivizadas na contemporaneidade, permite-nos acionar chaves de leituras sobre: vivências das ruas e criminalização de determinados corpos, “crise nas relações entre os sexos” e “o expressivo aumento do poder da juventude”, que indica uma profunda mudança nas gerações e na construção de uma nova/outra sociedade menos sexista, racista, xenofóbica, aporofóbica, LGBTfóbica etc. A película enfatiza a contracultura diante do poder disciplinar (Foucault, 1979) e revela a rebelião da juventude sobre diversos assuntos (liberdade sexual, uso de drogas etc.) “[...] movidos por um forte espírito de contestação, de insatisfação e desejo de mudança” (Brandão, 2009, p.4).

Buscando articulações entre psicologia do esporte e práticas culturais, Adilson Farias, Daniele Pinheiro e Jéssica Lira (2020) analisam o filme “Menina de ouro” através dos mecanismos psíquicos e comportamentais da tentativa de enquadre do sujeito/personagem nas normatividades de gêneros, e, da necessidade/vontade de ascensão financeira que recai sobre a classe social. Dialogando sobre o boxe e a deficiência adquirida quando a atleta/personagem fica tetraplégica, Fernanda Ribeiro (2017) problematiza depressão, transtornos e seus desdobramentos socioculturais no campo da “bioética”, a partir da abordagem cinematográfica do “suicídio assistido” e/ou “assassinato consentido”. Nessa mesma direção, Elaine Santana e Samene Santana (2019) vão se referir a legislação penal brasileira em detrimento da vida inviolável, autonomia de pacientes e dignidade humana, tomando como categorias de análise os campos jurídicos, médicos e religiosos que recaem sob a eutanásia, o biopoder e controle estatal diante dos corpos.

Já Vera Fernandes e Ludmila Mourão (2013), vão identificar que no cinema o boxe é representado como pertencente ao “universo masculino” e vão explorar “Menina de ouro” na perspectiva da representação das feminilidades plurais nos esportes (Fernandes; Mourão, 2014). Enfatizando que a personagem é uma lutadora dentro e fora dos ringues, as autoras vão problematizar os preconceitos e (o)pressões sociais, e, o processo de desconstrução do mito da fragilidade imputado às mulheres historicamente em contraponto às feminilidades caracterizadas pela força e virilidade. Junior Silva (2017) vai defender o uso estratégico de audiovisuais como subsídio para as discussões de aspectos socioculturais na Educação Física, ao mesmo tempo que analisa “Meninas de ouro” acionando chaves de leituras contra hegemônicas e propondo como utilizar

pedagogicamente esse filme para tratar de gênero, saúde e constituição de ídolos nos esportes.

Sobre o filme “*Billy Elliot*”, Elisabete Santos e Mona Pinheiro (2012) propõem uma abordagem sociológica para identificar elementos, que explícitos ou implícitos, potencializam uma perspectiva crítica a partir das categorias de *habitus*, campo e capital cultural (trabalhadas por Pierre Bourdieu), tomadas como pano de fundo para problematizar a relação indivíduo e sociedade. Também ancorada na abordagem sociológica, Fátima Perurena (2013) discute os conceitos de gênero e patriarcado. Nessa mesma direção, Anderson Ferrari, Marcos Souza e Roney Castro (2018) colocam sob suspeita as seguintes perguntas: por que se pensa o que se pensa? e, como os pensamentos organizam as ações no mundo e as relações pessoais? Com o objetivo de problematizar a trama e o rompimento entre boxe e dança na tradição familiar, eles vão (des)construir gênero através dos estudos de Judith Butler, apontando como o masculino pode ser entendido dentro do projeto de fazer e desfazer gênero.

Ainda sobre “*Billy Elliot*”, Adriane Gonçalves (2014) embarca na reflexão colocando em xeque masculinidade, sexualidade, proibição, piadas LGBTfóicas, preconceito e (des)respeito aos bailarinos realizando um contraste com o filme “*Dzi Croquetes*”. E, Andressa Andrade (2002) vai focar nas emoções e inquietações que surgiram após assistir ao filme, para refletir sobre a interseccionalidade de gênero e classe social, que influenciam toda a narrativa tensionando os padrões socioculturais e artísticos, e as possibilidades/multiplicidades de chaves de leituras que podem ser acionadas. Chaiane Cologni e Bruna Bona (2023) usam essa mesma película para ressaltarem a importância da utilização de audiovisuais na Educação Física, para possibilitar um desenvolvimento didático-pedagógico artístico, sensível, estético e psíquico.

Por que se pensa o que se pensa? E, como os pensamentos organizam as ações no mundo e as relações pessoais? Esses dois questionamentos citados anteriormente refletem um dos principais objetivos desse artigo, que é oferecer aos leitores estímulos de problematização. Ou seja, não pretendo que sua leitura seja induzida apenas para compreender o que escrevo, mas sim que cada chave de leitura acionada através desses audiovisuais e suas análises possam proporcionar autoquestionamentos. Aqui, resalto novamente a intencionalidade dessa estratégia rizomática e interseccional das narrativas queeróticas, que embaralha as categorias analíticas dos marcadores das diferenças para projetar uma futuridade *queer*.

Leandro Brito, Vanessa Pontes e Erick Pereira (2016), usufruíram do filme “Damas de ferro” para tratar das performatizações de gênero não normativas, que são designadas no texto como masculinidades *queer*. Eles problematizam importantes deslocamentos de sentidos sobre o masculino no esporte, considerando o deboche e a ironia utilizada no filme como alavanca para a ruptura da cis heteronormatividade. Luiz Rojo e Victor Melo (2000), consideram que embora excessivamente caricatural, as cenas tematizam com rara sensibilidade as questões de gênero e os preconceitos no campo esportivo e permite-nos debater as idealizações normalmente projetadas através do esporte, principalmente no que ele conteria de possibilidade para estabelecer pontes entre as diferenças socioculturais.

Partindo destas apreensões, podemos inferir que os discursos heteronormativos concretamente enfatizados a cada situação em que o esporte é investido na função de suporte simbólico para o ideal do conagraçamento universal (Rozo; Melo, 2000), possibilitam chaves de leituras férteis para debatermos corporalidades e os marcadores das diferenças, tanto na formação de professores/as, quanto na Educação Física escolar.

Explorando as fronteiras e conexões entre realidade e ficção, o filme “*MunIQUE*” possibilita uma crítica genuinamente especializada sobre as amarras socioculturais da sociedade brasileira. Entrelaçando fantasias e entretenimento para diagnosticar características de uma determinada época, a partir do atentado terrorista nos jogos olímpicos de Munique em 1972 e o regime nazista, Sabrina Abreu (2010) reflete sobre sofrimento humano e as disputas políticas que permeiam os esportes e seus desdobramentos societários. São questões delicadas e complexas, em que a celebração da fraternidade esportiva transformada num palco de terror, possibilitam chaves de leituras que recaem sobre as críticas do sistema capitalista (Vergueiro, 2015).

A problematização dessas representações simbólicas e materiais também podem ser encontradas nas reflexões de Karinine Porpino et al (2014) sobre o documentário “*Olimpya*”. Imbricados na configuração gestual e estética do esporte, no que se refere ao corpo nas intersecções dos marcadores das diferenças (mais especificamente sobre o racismo) e técnica, os/as autores/as oferecem-nos questões instigantes para tratar de ideologia e poder hegemônico. Essas chaves de leituras acionadas por “*Olimpya*” sobre os megaeventos esportivos, ideologia política, poder e corporalidades podem ser apreciadas também nos trabalhos de Luiz Nazario (2012), Igor Lacerda (2020), Mauro Rovai (2003) Alexandre Ferreira (2019) e Esaú Garcia (2021). E, Hamilcar Dantas Junior (2013) ainda propõem como usar pedagogicamente uma produção audiovisual como essa na Educação Física escolar.

Adriana Ferreira (2009) buscou identificar compreensões de códigos cinematográficos, suas contribuições para a formação de professores/as e o potencial educativo das análises filmicas. Examinando a leitura que os/as discentes realizaram sobre o filme “O xadrez das cores”, ela evidencia as experiências vivenciadas na formação docente e os diferentes tipos de saberes (pessoais, formativos e profissionais) que complementam a ação cotidiana das práticas pedagógicas plurais e dinâmicas. Mourão et al (2019) reforçam essas ideias indicando o cinema enquanto um veículo audiovisual dotado de complexa linguagem e eminente potencial educacional, pois articula recursos imagéticos com os saberes e práticas docentes, possibilitando a ampliação das discussões sobre os marcadores das diferenças nas práticas esportivas. E, permitindo aos futuros docentes estabelecerem inter-relações entre a formação acadêmica e a sociedade.

Dialogando com as possibilidades didático-pedagógicas da interdisciplinaridade e partindo do pressuposto que esporte e cinema podem propiciar um meio mais profícuo no espaço-tempo escolar/universitário, corroboro com Dantas Junior (2012) na proposta de uma educação para e pela arte, que estimula novos/outros olhares acerca da vida. O autor tensiona as dinâmicas socioculturais exemplificando alguns filmes como: “Driblando o destino”, “Ela é o cara”, “As damas de ferro”, “Jamaica abaixo de zero” etc. para enfatizar os debates que buscam um equilíbrio entre a razão e a sensibilidade nos caminhos para a autonomia.

Tomando como parâmetro o “roteiro de diálogo cinematográfico” proposto por Dantas Junior (2012) sobre o filme “Driblando o destino”, podemos ampliar essas propostas didático-pedagógicas interdisciplinares na Educação Física por meio dos diálogos identitários que Antônio Soares (2006) também propõe interseccionando etnia, gênero e sexualidade no futebol. E, ainda o que propõe Simoni Guedes (2006) quando diz que o futebol é um veículo [fenômeno] privilegiado para tematizar magicamente os conflitos identitários, preconceitos, diferenças geracionais e concepções diferenciais de gênero e sexualidade, consideradas pela autora como temas de uma longa e complexa história na antropologia social.

Sob a ótica da interdisciplinaridade e da interseccionalidade dos marcadores das diferenças (mais especificamente a classe social), recorro aos estudos de Matheus Oliveira (2013) que aponta a importância dos temas transversais para expressar conceitos e valores referentes às demandas educacionais, contextualizados no processo de combate às opressões e em prol da cidadania. Usando como exemplo “O milagre de Berna”, ele

propõe reflexões sobre trabalho, consumo, influência das marcas/mídias e os efeitos do fenômeno da globalização por meio do conteúdo futebol nas aulas de Educação Física.

Marcos Dourado (2018) nos ajuda compreender melhor esses aspectos geopolíticos dos conflitos regionais (locais e globais) no contexto dos ambientes esportivos exemplificando “O milagre de *Berna*”. Apontamentos também realizados por Elcio Cornelsen (2012) reforçando os engendramentos da inter-relação entre futebol, política e cinema, por Marcelino Silva (2011) através da noção de metáfora narrativa que “desafina a nação” e por Pedro Auade (2016) quando se refere à memória histórica nos processos de renegociação da imagem que fazemos de nós.

As aproximações com esses estudos citados acima correspondem ao projeto de sociedade que pretendemos construir e conseqüentemente das concepções curriculares que defendemos, rumo a uma Educação Física que valorize a diversidade de corpos e identidades – tendo como parâmetro as narrativas queeróticas (Assis, 2021) que rasuram o sistema opressor (Vergueiro, 2015). Assim, por meio da exibição e debate de obras cinematográficas que interpelam temáticas diversas – no sentido de pensar o corpo e suas práticas culturais – novos/outros repertórios culturais sobre as implicações políticas dessas experiências estéticas podem/devem contribuir na ampliação da dimensão formativa desses/as futuros/as professores/as (Dantas Junior, 2019).

Em se tratando da futuridade delineada pela utopia *queer* é importante pontuar que estamos propondo um convite a esperança enquanto provocação performativa, um chamado a pensar sobre nossos corpos, vivências e tempos de maneiras diferentes (Leandro Colling, 2021), que não seja o da negatividade da abjeção. O autor recorre aos estudos de Muñoz para enfatizar que a utopia *queer* é uma insistência por algo mais, algo melhor, mais rico, mais vasto, mais sensual, mais brilhante, é um anseio de mirar no horizonte da imaginação política, como um plano de voo para o devir político coletivo. É nesse sentido também que Assis (2021) propõe a queertopia da monstruosidade e que serve de aparato para minhas incursões sobre o cinema e os esportes, almejando uma nova/outra perspectiva para a Educação Física contemporânea.

“Um clássico, dois em casa, nenhum jogo fora” é considerada a primeira produção audiovisual nacional que trata da homossexualidade atrelada ao esporte. O curta-metragem possibilita imaginarmos algumas características do padrão de masculinidade imposto no período em que o Brasil viveu a ditadura militar. Apesar da brevidade da cena esportiva, uma obra de ficção que apresenta um homem (possivelmente) gay enfrentando outro homem (possivelmente) hetero – forte, musculoso, viril, careca, barbudo – e



reproduzindo todas essas características simbólicas e/ou representativas num ringue de boxe, permite-nos acionar debates sobre a(s) masculinidade(s) e seus desdobramentos socioculturais no contexto brasileiro de reiteração da cis heteronormatividade (Devide; Brito, 2021).

De acordo com Junior e Rossini (2024, p. 01) “o aparecimento das temáticas homossexuais nos ciclos de cinema brasileiros foi um movimento lento e conturbado em meio à história do cinema, e debatido até hoje através de diferentes literaturas, espaços e comunidades”. Dessas apreensões, surgem algumas lacunas e a oportunidade de problematizarmos essa película cinematográfica através das aulas de Educação Física escolar. Pois, a história da Educação Física no Brasil está diretamente ligada ao militarismo e ao uso dos esportes para garantir a hegemonia do padrão no sistema (Vergueiro, 2015) de sociedade pretendido pelos detentores do poder burguês. Sendo assim, “Um clássico, dois em casa, nenhum jogo fora” incita reflexões sobre o enfrentamento ao AI5 e a ditadura militar, que “[...] proibiu manifestações populares de caráter político e impunha a censura prévia a jornais, revistas e produções culturais” (Junior; Rossini, 2024, p.2), assim como o movimento de resistência que gira em torno de gêneros e sexualidades dissidentes naquele contexto opressivo e violento.

Outro ponto a ser refletido, é como as temáticas apresentadas por essa película e pelas artes de maneira geral, chegavam às realidades das instituições educacionais (escolas e universidades). Segundo Junior e Rossini (2024, p. 3), a produção/exibição desse curta-metragem “[...] passou por contraposições por parte dos professores da época. No período, em meio às decorrências políticas da ditadura militar e suas imposições, o corpo docente temia as consequências sob a abordagem explícita do filme à homossexualidade”.

Considero que essa película possui potencialidades de rasuras no cenário conservador da ditadura militar no Brasil ao “[...] apresentar uma crítica à hipocrisia da moral e dos bons costumes defendidos pela sociedade da época” (Bijotti, 2022, p. 148). As cenas induzem a compreender sobre poder, disciplina e controle (Foucault, 1979), censura, opressões, violências, resistência, transgressões, masculinidades, sexualidades dissidentes nos ambientes esportivos (Souza, 2024), precariedades da política sexual, tensionamentos de gênero e família tradicional. Portanto, cabe a cada professor/a de Educação Física, no seu contexto e necessidade de intervenção didático-pedagógica, utilizá-la de maneiras diversas, explorando a pluralidade de sentidos que o curta-metragem engaja.

Os estudos de Melo e Knijnik (2008) apontam a presença significativa dos esportes no cinema brasileiro em detrimento da modernidade, tendo o futebol o seu lugar de destaque. A partir dessas películas podemos encontrar indícios das tendências hegemônicas de uma época, através de suas representações simbólicas-reiterativas sobre diferentes dimensões de um mesmo momento histórico.

As representações simbólicas-reiterativas em “Asa branca, um sonho brasileiro”, destacam o futebol ocupando um espaço propício para refletirmos sobre as amarras da(s) masculinidade(s) cis heteronormativa(s). Permitem-nos identificar e discutir as mudanças e paradoxos vividos no país durante a década de 80 e nos processos de redemocratização (Melo; Knijnik, 2008), sobretudo no que tange à imposição binária de gênero e sexualidade direcionada aos corpos que são relocados para as margens das dissidências.

O filme, apesar de possuir algumas características alegóricas, aborda uma narrativa típica que muitos jogadores brasileiros trilham durante suas carreiras e aborda a homossexualidade por conveniência na busca pelo sucesso (Nagime, 2020). Melo e Knijnik (2008) ao analisarem essa película considerando o período de transição sociocultural e histórica que aconteceu no final do século XX, compreendem que mesmo de modo sutil, são esperadas outras atitudes e condutas dos homens, surgem novas ideias de masculinidades que são construídas no seio de uma nova/outra sociedade brasileira e apontam os avanços, questionando a ordem de gênero anteriormente legitimada.

Vislumbrando enfrentar o machismo peculiar que permeiam as práticas futebolísticas, 11 mulheres (sendo 10 personagens brancas e apenas 1 negra) resolvem provar que nem o futebol está livre do movimento feminista e fundam a equipe Gayvotas. Essa trama cinematográfica é contada em “Onda nova”, um misto de musical e comédia de costumes que tem forte relação com os movimentos culturais da época, dialogando inclusive com a forma de fazer cinema dos anos 1970, sempre à busca de uma linguagem experimental. Ao tratar das novas construções simbólicas da juventude na década de 80 e de outros costumes em ascensão, o longa tornou-se uma importante referência cultural usando a cidade de São Paulo como espelho (Melo e Knijnik, 2008).

Ao retratarem um jogo em que homens se vestem de mulheres e mulheres se vestem de homens, ou seja, trazendo características da inversão de gênero através das vestimentas e da performatividade (Butler, 2003), a película apresenta de forma explícita uma imensa carga erótica, onde as cenas de sexo serão intensas, remetendo a uma aproximação com as “experiências da pornochanchada”. Em relação ao clima das cenas que permeiam entre comédia e erotismo, “Onda nova” tematiza mais profundamente o “tratado sociológico”

sobre os novos arranjos políticos do sexo-sexualidade e desejo, de uma geração em transição sociocultural de rápidas e diversas mudanças (Melo e Knijnik, 2008).

“Virgindade, aborto, relações livres, adultério e traição, homossexualidade masculina e feminina, *ménage à trois*, esses são assuntos tratados com crueza e sem grandes rodeios, como fatos cotidianos que não merecem ser escondidos ou negados” (Melo e Knijnik, 2008, p. 188). Os conflitos da trama aparecem na subversão dos sentidos mais usuais do esporte, colocando em xeque as amarras socioculturais da masculinidade viril-tóxica-compulsória, dos binarismos de gênero e sexualidade, da cis heteronormatividade etc. Enfim, é por meio dos interrogatórios de duplo sentido, comportamentos tidos como masculino ou femininos invertidos e em tom de ironia, como por exemplo ao relacionar a tabela do campeonato com tabela da menstruação das mulheres, que “Onda nova” vai rasurando o imaginário social e transgredindo as fronteiras da naturalização entre normal e anormal, entre homo e hetero, entre o natural e o cultural, entre a reiteração das normatividades e as dissidências (Souza, 2024).

O filme, assim, encara o esporte por seu revés, apostando no feminino como modo de contrapor a masculinidade hegemônica e os padrões de comportamento rígidos, enfatizando questões normalmente escondidas. Se o futebol é um espaço de festa, também é de desejo; se assim o é, também é de liberação (Melo; Knijnik, 2008, p. 188).

Esses avanços na cinematografia brasileira passando a abordar temáticas que giram em torno de gêneros e sexualidade dissidentes, podem ser contrastadas com o estudo de Denilson Lopes (2008) que retrata a história do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil, mais especificamente os estudos sobre gays e lésbicas, suas organizações politicamente engajadas, resistências e transformações entre o século XX e XXI.

Observe que as obras mencionadas acionam diversas chaves de leituras que nossas juventudes (independente da identidade de gênero ou sexualidade) vivenciam, inclusive nos ambientes de escolarização. Aqui chamo a atenção para algumas delas, como por exemplo: virgindade, desejo sexual, menstruação, gravidez, aborto, relações homoafetivas, uso de drogas etc. Sendo assim, como alargar nossas visões de mundo na condição de docentes e usufruir da relação entre esporte e cinema para debater essas temáticas com nossos/as estudantes? Como venho mencionando desde a introdução do trabalho, não pretendo esgotar essas perguntas com respostas simplistas/imediatas, mas sim, abrir possibilidades de diálogos, tanto na formação de professores quanto na educação básica, sobre as corporalidades sonhadas em narrativas contemporâneas (Assis,

2021), ou melhor, sobre a futuridade da utopia *queer* (Colling, 2021) que vislumbramos em contraponto ao conservadorismo que nos cerca.

Utilizando “Onda nova”, “Cartão vermelho” e “Mônica *freestyle*”, Diana Somer et al (2024) apontam chaves de leituras para problematização da identidade sexual. Apontam também que são filmes incomodativos, pois existe uma tensão entre os gêneros, uma constante disputa análoga ao futebol entre meninos e meninas e que apesar de, tanto o cinema quanto o esporte ainda enfrentam resistência em tratar de gênero e sexualidade de maneira mais inclusiva, os resultados mostram que o cinema tem sido um importante aliado na inclusão das mulheres, ao retratar suas lutas e conquistas.

É por esses motivos, que a partir do curta-metragem “*Beescats soccer boys*” Carlos Vogel (2022) pontua a importância do futebol gay está no cinema, ele considera “um close certo na telona” por conta de sua relevância na luta contra a homofobia. Encaro essas disputas societárias tomando como referência os processos de (des)naturalização de corpos e identidades, e, a (des)construção do sistema opressor por via da decolonialidade e/ou da contra-colonialidade (Souza, 2024).

Nas pesquisas realizadas para fins deste artigo, pude perceber algumas influências simbólicas e materiais, e, corroboro com Somer et al (2024) que embora o cinema possua grande potencial de gerar reflexões profundas sobre as desigualdades de gênero e sexualidade, ele frequentemente se limita a representações estereotipadas e restritivas. Sendo assim, ainda há muito para ser feito para alcançar uma maior diversidade e equidade nessas narrativas. Ou seja, necessitamos de muita resistência engajada na utopia *queer* (Colling, 2021), para concretizarmos no âmbito cinematográfico as corporalidades sonhadas em narrativas contemporâneas e materializar a futuridade queerótica (Assis, 2021) no cotidiano vivido para além das telas.

Para discutir sobre essas influências normativas e representações estereotipadas, recorro a Paula Chaves, Ivana Silva e Rosie Medeiros (2014) que relatam sobre uma experiência pedagógica com o conteúdo lutas. Elas utilizaram “Menina de ouro”, “*Billy Eliot*” e “*Beautiful boxer*” para tratar da generificação das práticas corporais, preconceitos, transexualidade e a estigmatização de determinados corpos. O estudo de Allyson Araujo (2015) reforça as contribuições de “*Billy Eliot*” e “*Beautiful Boxer*” para debatermos gênero e sexualidade através das lutas, apontando representações que descentram as visões maniqueístas e maneiras de adesão ao fenômeno esportivo pela valorização de referências sensíveis e dos desejos-prazeres.

Elaine Souza, Claudiene Santos e Wendel Silva (2019) buscaram compreender como as escolas invisibilizam os sentidos, significados e representações de gênero e sexualidade dissidentes através do filme “Tempestade de verão” e sua relação com as concepções de estudantes no ensino médio. Eles/as perceberam que tanto o filme quanto as entrevistas com os/as estudantes possuem características de estranheza, aceitação, tolerância e/ou complacência na construção/naturalização das identidades e da concepção de família.

Relacionando o *surfe* os novos conceitos que rompem com o estereotipado modelo de família tradicional, “De repente, Califórnia” projeta transformações libertárias ramificando em diversos nichos a sociedade contemporânea. A exposição de casais homoafetivos e a adoção de crianças exploram e enfatizam os protocolos e manifestos que asseguram direitos à comunidade LGBTQIAPN+ (João Ribeiro; Joseline Pippi, 2011). Já em “Do começo ao fim” o conceito de família é explorado em uma outra perspectiva, que é a do amor homoafetivo “entre irmãos” e a aceitação consciente de seus genitores, tratando com naturalidade a relação romântica desde criança. O filme não polemiza a homofobia, mostrando que toda e qualquer forma de amor pode ser vivida e que os homossexuais podem experienciar seus desejos e performar suas identidades cuidado de si e do outro, sem os constrangimentos das famílias típicas conservadoras (José Junior, 2015).

Através de “Pele suja minha carne”, Carolina Santos e Ignácio Dávila (2020) vão problematizar o(s) conceito(s) de identidade(s) por via do futebol, dando um *zoom* na especificidade e/ou nas diferentes perspectivas sobre vivências negras brasileiras, articulando os marcadores interseccionais de raça, gênero, sexualidade e classe social. Bruno Mendes e Seíça Ferreira (2019) também embarcam nesse viés analítico interseccional a partir da história de um boxeador negro, gay e *drag queen* apresentado em “Diamante, o bailarina”, e, Erick Prado e Ceíça Ferreira (2019) ainda trazem mais contribuições sobre as representações de masculinidades negras no cinema contemporâneo e o imaginário cultural brasileiro sobre os marcadores das diferenças. É importante ressaltar, que “[...] um filme como Diamante, o Bailarina pode ser lido como uma expressão de empoderamento da comunidade *queer* de espaços normalmente restritos à heteronormatividade” (Leonardo Silva, 2022, p. 41).

Continuando nessa mesma apreensão interseccional, o documentário “Jogos proibidos: a história de Justin Fashanu” traz à tona essas identidades *queer* que rasuram os ambientes esportivos hegemonicamente formatados pelo sistema heteronormativo.

Xavier Camargo (2021) aciona chaves de leituras sobre a história de Justin Fashanu, enfatizando as (a)normalidades corporais e as (in)visibilidades esportivas em contextos caracterizados pela exacerbação da masculinidade, onde a homofobia e a misoginia são reiteradas e naturalizadas demarcando os sujeitos abjetos, ou seja, os corpos que estão fora da norma (Maurício Pinto, 2018). Essas compreensões também são realizadas por José Silva Junior (2018) sobre a “pedagogia dos armários” no futebol e o contraste histórico-cultural no deslocamento da heteronormatividade, que incide nas resistências dissidentes para desencadear em (re)existências queeróticas (Assis, 2021; Souza, 2024).

De acordo com Melo e Knijnik (2008, p. 184) “[...] o futebol não só reflete certos conceitos correntes na sociedade, como também funciona como uma ferramenta pedagógica, uma estratégia para propugnar e difundir certos modos de se portar”. Ou seja, os fenômenos esportivos são ao mesmo tempo um meio e um fim de propagar representações socioculturais, a exemplo do padrão heteronormativo esperado nas performatividades que o sistema sexo-gênero-sexualidade engendrou. E, as produções audiovisuais fazem parte desses aparatos de divulgações e reiteraões de padrões a serem tornados hegemônicos em determinada época e região.

No decorrer desta seção, os diálogos entre as produções audiovisuais catalogadas e os trabalhos acadêmicos encontrados nos remete a potência que possui a(s) confluência(s) da(s) multirreferencialidade(s) (Macedo, 2004) em prol de uma análise contrastiva (Leiro; Santos; Reis, 2023). O que está posto nesse arcabouço teórico-metodológico é a ideia de não recortar características de cada obra para compará-las, mas sim, dar um *zoom* nas potencialidades de seus aspectos (sejam eles positivos ou negativos), que nos oferecem caminhos/brechas/fendas diversos/as para explorar as pluralidades dos processos reflexivos que constituem a dialética da circularidade.

Ressalto que a partir dessas películas e dos estudos realizados sobre elas, foram acionadas chaves de leituras importantíssimas diante do(s) fenômeno(s) esportivo(s) (Tubino, 2010). A diversidade de esportes apreciados através da problematização das identidades LGBTQIAPN+, abarca possibilidades quase que infinitas para que, tanto na formação de professores/as quanto na Educação Física escolar os estudos queeróticos sejam explorados.

Por fim, ressalto que as produções audiovisuais não-citadas nessa seção, resulta da falta de produções acadêmicas sobre elas, e, portanto, merecem uma atenção especial que os limites deste trabalho não permitem adentrar. Deixo como sugestão para imersões



sobre esses filmes, séries e documentários não-citados a problematização do *bullying* nos ambientes de escolarização e a temática de HIV/aids que perpassam em algumas tramas.

### **As confluências da circularidade não encerram aqui, mas...**

É importante indicar algumas considerações possíveis, pois “[...] somos levadas, pelas queertopias aqui comentadas, às contestações necessárias e urgentes, bem como a algumas saídas e fugas possíveis do nexos nocivo e cíclico em que infelizmente nos encontramos” (Assis, 2021, p. 19). Não existe a possibilidade de tratarmos das obras cinematográficas sem considerar a realidade sociopolítica em cada região e tempo histórico, neste sentido, ao refletir sobre audiovisuais *queer* e suas conexões com as práticas esportivas é necessário ressaltar (por exemplo) que a 16 anos consecutivos o Brasil segue sendo o país que mais mata corpos LGBTQIAPN+. Como problematizar essas temáticas na formação de professores/as e na Educação Física escolar?

Estou convencido de que não é possível refletir sobre a complexidade das “narrativas da diversidade sexual”, sem a intersecção com outros marcadores das diferenças (gênero, raça, etnia, classe social, deficiência etc.). Portanto, quais as maneiras/possibilidades de entrelaçar cinema e esporte no combate às opressões e violências impostas pelo sistema?

É por esses e outros motivos que a queertopia da monstrosidade se tornou uma chave de leitura essencialmente necessária para as reflexões desse texto, considerando que as produções dos filmes, séries e documentários são atravessadas por diversas questões socioculturais imbricadas na história político-econômica das sociedades. Como materializar a futuridade das narrativas queeróticas? As 88 obras catalogadas surgem como possibilidades para introduzirmos estes debates na Educação Física, criando diálogos entre o esporte, o cinema e a interseccionalidade dos marcadores das diferenças!

### **Referências**

ABREU, Sabrina Lima. **Munique, de Steven Spielberg: um diagnóstico entre a ficção e a realidade.** Revista Espcom, 2010.

ANDRADE, Andressa. **Billy Elliot: possibilidades e multiplicidades em uma visão das relações de gênero e classe social.** TCC UEC– São Paulo, 2002.

ARAÚJO, Allyson Carvalho. **Gênero, sexualidade e esporte no cinema.** R. bras. Ci. e Mov, 2015.

- ASSIS, Fabiana Gomes. **Quertopias – corporalidades sonhadas em narrativas contemporâneas**. Movências da utopia vol.3. Maceió: EDUFAL, 2021.
- AUADE, Pedro Henrique Trindade Kalil. **Futebol, família, nação e memória: O segundo tempo, de Michel Laub**. Aletria v.26, n.3, p. 15-31. Belo Horizonte, 2016.
- BIJOTTI, Catarina Silva. **A trajetória de Adélia Sampaio no cinema brasileiro (1984-2017): críticas à sociedade conservadora**. Epígrafe: São Paulo, 2022.
- BRANDÃO, Leandro. **HISTÓRIA E ESPORTE: leituras do corpo no filme “Dogtown and z-boys”**. Revista História em Reflexão: Vol. 3 n. 5. Dourados, 2009.
- BRITO, Leandro Teófilo; PONTES, Vanessa Silva; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. **Masculinidades queer no voleibol - revisitando the iron ladies**. Textura, v. 18 n.38, set./dez.2016.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMARGO, Wagner Xavier. **(A)normalidades corporais e as (in)visibilidades esportivas**. Contrapontos, 2021.
- CHAVES, Paula Nunes; SILVA, Ivana Lúcia; MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento. **Lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino médio**. Cadernos de Formação RBCE, 2014.
- COLLING, Leandro. **Fracasso, utopia queer ou resistência? Chaves de leitura para pensar as artes das dissidências sexuais e de gênero no Brasil**. Conceição/Conception Revista do Programa de Pós-Graduação Em Artes da Cena, v. 10, p. 1-22, 2021.
- COLOGNI, Chaiane Nova; BONA, Bruna Caroline. **Filmes na Educação Física: um estranho no ninho**. Motrivivência: Florianópolis, 2023.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. - 1. e 2. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. **Imagem e memória em torno do futebol e política no cinema**. In: Org. VIEIRA, Elisa Maria Amorim; SELIGMANN-SILVA, Marcio; CORNELSEN, Elcio Loureiro. Imagem e Memória: Belo Horizonte, 2012.
- DANTAS JUNIOR, Hamilcar Ferreira. **Esporte e cinema: possibilidades pedagógicas para a Educação Física escolar**. Cadernos de Formação RBCE, 2012.
- DANTAS JUNIOR, Hamilcar Ferreira. **Esporte e cinema da escola: usos pedagógicos para uma educação esportiva**. Atos de pesquisa em educação, 2013.

- DANTAS JUNIOR, Hamilcar Ferreira. **Cinema e formação de professores de Educação Física: relatos de experiência com seminários de cinema na Universidade Federal de Sergipe**. Revista Cocar, 2019.
- DÁVILA, Ignacio Del Valle; SANTOS, Carolina Santana. **A representação da família negra de classe média brasileira e a produção independente de curta-metragens**. Unila, 2020.
- DEVIDE, Fabiano Pires; BRITO, Leandro Teófilo. **Estudos das masculinidades na Educação Física e no esporte**. Nversos: São Paulo, 2021.
- DINIZ, Nilson Fernandes. **O Amor entre Mulheres: A tolerância esconderia mais preconceito?**. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, 2014.
- DOURADO, Marcos Vinicius Santos. **O ensino da geopolítica dos conflitos regionais através do contexto do futebol: possibilidades no ensino médio**. Revista Tocantinense de Geografia: Araguaína, 2018.
- ESAÚ, Garcia López. Olympia. **Apuntes para la comprensión de la propaganda racista en las Olimpiadas de Berlín 1936**. Artificios. Revista colombiana de estudiantes de História, 2021.
- FARIAS, Adilson; PINHEIRO, Daniele; LIRA, Jéssica. **Uma releitura do filme “menina de ouro” sob a perspectiva da psicologia do esporte**. Psicologia: Um Olhar Do Mundo Real, 2020.
- FERREIRA, Letícia Paiva Gomes. **Performatividade de Gênero e Corpo em Mulheres Homoeróticas**. TCC - Centro Universitário Christus. Fortaleza, 2023.
- FERREIRA, Adriana Marques. **Cinema e educação: uma reflexão sobre a formação dos educadores na/para a linguagem visual**. Dissertação de mestrado UFJF. Juiz de Fora, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FERNANDES, Vera; MOURÃO, Ludmilla. **Representações de feminilidades no boxe para mulheres**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.
- FERNANDES, Vera; MOURÃO, Ludmilla. **“Menina de ouro” e a representação de feminilidades plurais**. Movimento, Rio Grande do Sul, 2014.
- FERRARI, Anderson; SOUZA, Marcos Lopes; CASTRO, Roney Polato. **Fazendo e desfazendo gênero em Billy Elliot**. Leitura: Teoria & Prática: São Paulo, 2018.
- FERREIRA, Alexandre Maccari. **O cinema de propaganda nazista de Leni Riefenstahl: Dokumentarfilm, História e Ética**. INTERCOM: Porto Alegre, 2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, n. 13, p. 99-112, 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre; VOTRE, Sebastiao Josue; MOURÃO, Ludmila; FIGUEIRA, Márcia Luzia Machado. **Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer. Ministério do esporte**, 2009. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/81280>>. Acesso: 06/02/2025.

GONÇALVES, Adriane Oliveira Garcia. **Sexualidade, masculinidades e dança: o preconceito e o (des)respeito ao bailarino numa incursão aos filmes Billy Elliot e Dzi Croquetes**. In. Org. FREITAS, Eliane Martins; MARTINEZ, Fabiana Jordão; MENDES, Lilian Marta Grisolio. Gênero, sexualidade e corpo - Gráfica UFG: Goiania, 2014.

GUEDES, Simoni Labude. **Um dom extraordinário ou “cozinhar é fácil, mas quem sabe driblar como Beckham?”: comentários a partir do filme driblando o destino**. In. Org. MELO, Victor Andrade; ALVITO, Marques. **Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GUIMARÃES, Midiân Tarsis Almeida. **Hooligans: Violência como Educação**. Cadernos do Tempo Presente, Ed. nº 01, 2010.

GURJÃO, Luana Cardoso. **Resenha do filme MURDERBALL - Paixão e Glória**. Estados Unidos, 2005. Disponível em: <<https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-do-estado-do-para/fundamentos-da-inclusao-educacional/resenha-muderball-paixao-e-gloria/4676500>>. Acesso em: 10/01/2025.

JUNIOR, José Duarte Barbosa. **“Eu gosto de cu de homem”: homoafetividade e trajetória dos personagens Francisco e Thomás no filme Do começo ao fim (2009)**. Ria Grande do Norte: Bagoas, 2015.

JUNIOR, Marco Antônio Bourscheid. ROSSINI, Miriam de Souza. **Um Clássico, Dois em Casa, Nenhum Jogo Fora (1968) - Análise fílmica do ruído**. Intercom: Univali, 2024.

LACERDA, Igor. **Memórias de uma “Cidade Olímpica”: análise dos filmes Rio eu te amo e Olympia**. Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad, 2020.

LANGER, Marcela. **Mulan de 1998 e 2020: os estereótipos, orientalismos e narrativas da cultura asiática que permaneceram após 22 anos**. Cadernos de Clio, Curitiba, 2021.

LEIRO, Augusto Cesar Rios; SANTOS, Adriana Pinheiro; REIS, Daniela Santana. **Pesquisa contrastiva pela lente da dialética**. Revista Educação em Questão. v. 61, n. 69. Natal, 2023.

LOPES, Denilson. **Silviano Santiago, Estudos Culturais e Estudos LGBTs no Brasil**. Revista Iberoamericana, Vol. LXXIV, N. 225, Outubro-Diciembre 2008, 943-957.

MELO, Victor Andrade; KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Futebol, cinema e masculinidade: uma análise de Asa Branca, um Sonho Brasileiro (1981) e Onda Nova (1983)**. Revista Port Cien Desp, 2008.

MENDES, Mayara Maia; CARVALHOS, Allyson Araújo; NUNES, Paula Chaves. **Descentramentos de gênero e sexualidade da mulher no esporte: debatendo com o cinema**. II Jornada Internacional de Gênero e Comunicação: Faculdade de Comunicação de Sevilha, 2014.

MENDES, Bruno Pereira; FERREIRA, Ceíça. **Negro, gay e drag: o protagonista do curta “Diamante, O Bailarina”**. Anais do II SEJA UEG, Goiania, 2017.

MOURÃO, Ludmila; SOARES, João Paulo Fernandes; LOVISI, Ayra; NOVAES, Mariana Cristina Borges. **Educação Física, gênero e cinema: contribuições para a formação docente**. Pensar a Prática, Goiânia, 2019.

NAGIME, Mateus. **Surtolista: 13 filmes LGBTQIA+ sobre esporte olímpico**. Surto Olímpico, 2020. Disponível em: <<https://www.surtoolimpico.com.br/2020/06/surtolista-13-filmes-lgbtqi-sobre.html>>. Acesso em: 05/02/2025.

NAZARIO, Luiz. **O discurso ideológico de Olympia**. Aletria, 2012.

OLIVEIRA, Matheus Machado. **O futebol sobre a ótica do tema transversal trabalho e consumo**. TCC UEP, Rio Claro, 2013.

PATARNELLA, Diogo; JÚNIOR, Rubens Venditti; MARTINS, Leonardo Tavares; VENDITTI, Andreza Chiquetto. **A utilização de filmes como recurso didático nas aulas de Educação Física Escolar**. Revista Digital - Buenos Aires, 2009.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e a homofobia no futebol**. Dissertação USP, São Paulo, 2018.

PRADO, Erick Ely da Cunha; FERREIRA, Ceíça. **Problematizando estereótipos: masculinidades negras no cinema brasileiro**. Intercom, 2019.

PERURENA, Fátima. **Billy Elliot – O amor como superação**. Bagoas, 2013.

PORPINO, Karenine de Oliveira; Silva, Liege Monique Filgueiras; Torres, Lais Saraiva. **Corpo e técnica em olympia**. Recorde: Rio de Janeiro, 2014.

RIBEIRO, João Ricardo; PIPPI, Joseline. **Um Novo Conceito de Família – Uma Análise do Filme “De Repente, Califórnia”**. Intercom: Londrina, 2011.

RIBEIRO, Fernanda Teixeira. **Uma discussão sobre o suicídio assistido a partir do filme menina de ouro**. Revista Primus Vitam, 2017.

ROJO, Luiz Fernando; MELO, Victor Andrade. **As damas de ferro - comentário do filme**. Lazer EEFD/UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

ROVAL, Mauro Luiz. **Um ensaio sobre Olympia de Leni Riefenstahl**. São Paulo: Plural, 2003.

SANT'ANA, Luiz Carlos. **Ginga: alma nacional, expressão universal - representações e aspirações de nacionalidade e pertencimento**. ANPUH – XXV Simpósio Nacional De História – Fortaleza, 2009.

SANTANA, Elayne Costa; SANTANA, Samene Batista Pereira. **A eutanásia e o exercício do biopoder: uma análise do filme menina de ouro**. Revista Reflexão e Crítica do Direito, 2019.

SANTOS, Elisabete; PINHEIRO, Mona. **Billy Elliot: das luvas de boxe às sapatilhas de balé, uma análise sociológica**. Revista ensaios, 2012.

SALCEDO, Diego Andres. **Mediação cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

SIMAS, Luiz Antonio. **Ode a Mauro Shampoo e outras histórias da várzea**. Rio de Janeiro: Mórula, 2017.

SILVA, Junior Vagner Pereira. **Uso de filmes como estratégia de ensino-aprendizagem: subsídios para discussões de aspectos socioculturais da Educação Física**. Anais Congresso do CBCE - II Seminário de Políticas Públicas de Esporte e Lazer, 2017.

SILVA, Marcelino Rodrigues. **Desafinando a metáfora da nação**. Esporte e Sociedade ano 6, n.18, setembro, 2011.

SILVA, Leonardo Rocha Martinelli. **CURAR COM CURTA: A programação, curadoria e aura de curtas-metragens selecionados em três festivais de cinema brasileiro entre 2017 – 2021**. Dissertação de mestrado PUC, Rio de Janeiro, 2022.

SILVA JUNIOR, José Aelson. **Pedagogia do armário: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais**. Tese de doutorado UFMG, Minas Gerais, 2018.

SOMER, Diana; SILVA, José Aparicio; IANK, Nathália Helena Rogoski; ANTUNES, Alfredo Cesar; JUNIOR, Constantino Ribeiro de Oliveira. **A memória filmica do futebol feminino: uma abordagem netnográfica de três filmes entre internautas paranaenses**. Revista Observatorio De La Economia Latinoamericana, Curitiba, 2024.

SOUZA, Rafael Santiago. **Performances dissidentes nos esportes: contribuições queertópicas para o(s) currículo(s) de Educação Física**. Salvador: Eduneb, 2024.

SOUZA, Elaine de Jesus; SANTOS, Claudiene; SILVA, Wendell Rhamon dos Santos de Jesus. **“Tempestade de verão”: como a escola invisibiliza representações de**



**sexualidade e gênero dissidentes.** In org. MEDRADO, Benedito; TETI, Marcela Montalvão. Problemas, controvérsias e desafios atuais em psicologia social. Porto Alegre: Abraspso, 2019.

SOARES, Antônio Jorge. **Diálogos identitários – etnia, gênero, sexualidade e futebol: comentários a partir do filme driblando o destino.** In. Org. MELO, Victor Andrade; ALVITO, Marques. Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

THÜRLER, Djalma; WOYDA, Duda. **Os efeitos marginalizadores da heteronormatividade em 'The boys in the band'.** Revista Apotheke, vol. 6, 2020.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação.** Maringá: Eduem, 2010.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da CISgeneridade como normatividade.** Dissertação (Mestrado em Humanidades, Artes e Ciências) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

VOGEL, Carlos Guilherme. **Close certo na telona: O futebol gay e os festivais de cinema como elementos na luta contra a homofobia.** NO 11. N. 1–REBECA 21| JANEIRO -JUNHO 2022.

Recebido em março de 2025.

Aprovado em julho de 2025.